

# TALIAN: LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO FALADA NO BRASIL

Emanuelli Nós<sup>2</sup>  
Loremi Loregian-Penkal<sup>3</sup>

**Resumo:** A grande diversidade cultural presente em nosso país está relacionada, principalmente, aos grandes movimentos migratórios: muitas pessoas de diversos locais do mundo se instalaram em território brasileiro em busca de melhores condições de vida. O contato com outros povos influenciou diretamente nas tradições e na língua do povo brasileiro. Para este estudo, dar-se-á enfoque ao grande número de italianos que se estabeleceram em terras brasileiras entre o final do século XIX e início do século XX, considerando, principalmente, os aspectos da língua de imigração falada no Brasil na região de ocupação italiana: o Talian. Neste artigo serão considerados, então, aspectos relevantes do cenário lingüístico brasileiro durante a história, tecendo principalmente acerca do Talian com a finalidade de valorizar ainda mais as atitudes linguísticas dos detentores desta língua.

**Palavras-chave:** Talian; Língua de Referência Cultural Brasileira; Salvaguarda.

## TALIAN: IMMIGRATION LANGUAGE SPOKEN IN BRAZIL

**Abstract:** The cultural diversity present in our country is related, mainly, to the huge migratory movements: many people from diverse places in the world settled in Brazilian territory in search of better living conditions. The contact with other people directly influenced the traditions as well as the language of the Brazilian people. For this study, we will emphasize the large number of Italians who settled in Brazil between the late nineteenth and early twentieth centuries, considering mainly the aspects of the immigration language spoken in Brazil in the region of Italian occupation: Talian. This article will consider, then, relevant aspects of the Brazilian linguistic scenario during history, focusing mainly on Talian with the purpose of further valuing the linguistic attitudes of the speakers of this language.

**Keywords:** Talian; Brazilian Cultural Reference Language; Safeguarding.

- 1 Este artigo foi realizado a partir de pesquisas para a dissertação de mestrado (em andamento).
- 2 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras (UNICENTRO). E-mail: [emanuelli12@outlook.com](mailto:emanuelli12@outlook.com)
- 3 Doutora em Letras (UFPR), docente do corpo permanente do Programa de Pós-graduação em Letras (UNICENTRO). E-mail: [lpenkal@unicentro.br](mailto:lpenkal@unicentro.br)

## Palavras Iniciais

O cenário linguístico brasileiro é marcado pelo multilinguismo, já que coexistem/convivem em nosso país inúmeras línguas além do português brasileiro. Essa grande diversidade linguística e cultural presente em nosso país se devem, sobretudo, ao contato que houve entre os povos e, conseqüentemente, o contato que aconteceu entre as diferentes variedades linguísticas.

Para Altenhofen (2008, p. 137 apud SCHNEIDERS; BUSSE; SALVANI, 2020, p. 106), há, no Brasil, no mínimo seis tipos de contato linguístico: , os quais são:

português e línguas autóctones (indígenas), b) português e língua afro-brasileiras, c) português e línguas alóctones (de imigração), d) português como língua alóctone em contato com línguas oficiais, e) português e línguas co-oficiais em contato, f) contatos linguísticos de fronteira com países vizinhos e contatos entre falantes de variedades regionais do português. (SCHNEIDERS; BUSSE; SALVANI, 2020, p. 106).

Resultado desses contatos linguísticos que fazem parte da história e da constituição do nosso país, segundo o IPEA (2014 apud SCHNEIDERS; BUSSE; SALVANI, 2020, p. 102), o Brasil é um dos países com a maior diversidade linguística do mundo, já que:

Nossa história, após a chegada do homem branco, é toda uma história de contatos linguísticos. Ao longo de inúmeros anos, após o descobrimento, em nosso território conviveram, comunicaram e se misturaram populações ameríndias, européias, africanas e asiáticas. Portanto nossa língua convive e conviveu com influências de línguas diferentes, pertencentes a famílias muito distantes, como a indo-européia, alemã, a polonesa, italiana, espanhola e tantas outras. (SCHNEIDERS; BUSSE; SALVANI, 2020, p. 104).

A língua teve, portanto, um importante papel para a formação histórica e cultural do nosso país, pois além da função comunicativa ela é capaz de alcançar diversas áreas do conhecimento e se constituir como um fator valioso para a identidade humana. Ela se estabelece como característica peculiar de uma nação, estando também diretamente ligada às questões de soberania e poder de um povo.

Levando em conta essa consideração, sabe-se que ao longo da história do Brasil, sobretudo, durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945) houve uma grande preocupação relacionada à prática linguística e à influência exercida por ela. Neste período é que surgiram as políticas, decretos e leis, visando regulamentar o uso das línguas em todo o território brasileiro. A consolidação dessa situação em nosso país aconteceu, portanto, de maneira formal no ano de 1938, durante a Era Vargas, através da instituição do Decreto-lei 406, de 04 de maio, o qual impôs diversas regras acerca das práticas linguísticas em solo brasileiro, proibindo, principalmente, os imigrantes que aqui viviam de falar na língua do seu país de origem.

Com a busca por fortalecimento da identidade nacional em detrimento das demais, muitos imigrantes sofreram com as atitudes linguísticas negativas instauradas em solo brasileiro, como consequência da postura autoritária e centralizadora das políticas impostas na Era Vargas.

Os imigrantes, portanto, pessoas que traziam uma vastahistória e uma identidade cultural, se viram, de repente, obrigados e forçados a deixar de lado além de seus costumes, modo de vida e cultura, também a sua língua de origem, o que era, muitas vezes, a única memória que tinham da sua terra natal. Há, nesse sentido, “um histórico de omissão, de desrespeito e mesmo de repressão aos falantes de outras línguas, sobretudo daquelas indígenas e de imigração”.

(IPHAN, 2016, p. 23-24).

Para este artigo, trazemos o Talian, um exemplo de língua de imigração que foi duramente reprimida na Era Vargas, mas que hoje apresenta uma bela trajetória vivenciada pelos descendentes de imigrantes italianos em busca da valorização e salvaguarda da língua, tanto que em 2014 foi reconhecida como Língua de Referência Cultural Brasileira pelo Ministério da Cultura, MinC, e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN.

No que diz respeito à organização estrutural deste artigo, ele divide-se em seis seções, na primeira intitulada: “palavras iniciais” temos uma breve introdução, no segundo tópico apresentamos uma síntese do projeto de nacionalização, o qual impactou profundamente o uso e/ou desuso das línguas, na terceira seção temos a conceitualização das línguas de imigração, no item quatro tecemos a respeito do Talian, uma língua de imigração falada no Brasil, em seguida temos as considerações finais e, por último, as referências bibliográficas.

## Projeto de Nacionalização

A Era Vargas (1930-1945) trouxe um momento obscuro para todos os imigrantes, ficando conhecida e marcada pela adoção de uma política extremamente nacionalista, a qual, na tentativa de “abrasileirar” todos os estrangeiros, repreendeu severamente os imigrantes.

Na busca pela valorização apenas do “nacional” em detrimento do estrangeiro, entre outras medidas adotadas pelo governo, tornou-se obrigatório, no país, o uso exclusivo do idioma nacional em todo o território brasileiro, fazendo com que os estrangeiros que se instalaram em terras brasileiras, ao serem forçados a negarem sua própria língua e origem, perdessem também sua própria identidade linguística e cultural.

Para propagar de forma mais efetiva a ideologia nacionalista e a política linguística vigente e obrigatória da época, foi criado, em 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda, DIP, o qual pôs a serviço do governo todos os meios de comunicação. “A censura aos meios de comunicação propiciou ao governo um caráter homogêneo de informação, moldando à sua maneira, o que o povo deveria ou não saber”. (ROCHA, 2023, p. 01).

O grande objetivo de Vargas com a criação do DIP era o de sujeitar toda a imprensa a seu favor, manipulando a opinião pública segundo suas convicções políticas. Sendo assim, o povo brasileiro rende-se ao seu ideário nacionalista e a perseguição contra os que não se enquadram neste sistema se inicia. (ROCHA, 2023, p.01).

As ações de repressão instauradas em território brasileiro em relação às línguas faladas pelos estrangeiros induziram, portanto, centenas de imigrantes a adentrarem forçadamente na cultura brasileira. Muitos deles, que sabiam falar apenas sua língua materna, se viram, de repente, obrigados a aprenderem e a se comunicarem excepcionalmente na língua portuguesa, pois a prática e a difusão de qualquer língua estrangeira eram reprimidas, punidas e substituídas. “Assim, no momento em que iniciou o processo de nacionalização, os imigrantes de origem europeia foram imensamente marcados, e as regiões com influência estrangeira começaram a ser vigiadas”. (STURZ; FIEPKE, 2017, p. 125).

Essa política linguística restritiva vigente na época resultou em momentos obscuros aos imigrantes que culminou em fortes perseguições e repressões, fato que trouxe inúmeras consequências linguísticas e culturais para esses povos durante um longo período da história. “A política linguística do governo

Vargas gerou na alma e no coração de todos os imigrantes e seus descendentes, empenhados no desenvolvimento do país desde o início da imigração, uma profunda mágoa histórica". (STURZ;FIEPKE, 2017,p.124).

As marcas deixadas por este momento político e as consequências dele, mesmo que a passos lentos, vêm sendo superadas principalmente graças a movimentos organizados por determinados grupos de descendentes de imigrantes que lutam em busca de representatividade, salvaguarda e valorização da sua língua de origem. Em relação ao Estado, nota-se que recentemente há "a compreensão da diversidade linguística nacional como um valor". (IPHAN, 2016, p. 23)

Visando contribuir para a valorização do cenário linguístico brasileiro, marcado pelo multilinguismo, destacamos para esta pesquisa um estudo acerca do Talian, uma das autodenominações para a língua de imigração falada no Brasil na região de ocupação italiana.

## As línguas de imigração

No Brasil, além dos usuários das línguas oficiais do país: Língua Portuguesa e a de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) há um grande número de falantes de outras línguas bem como, um grande número de falantes das línguas de imigrantes europeus e seus descendentes. Esse fato se deve principalmente ao grande número de imigrantes que se instalou no país.

Sabendo, portanto, da vasta complexidade do mapa linguístico brasileiro, encontramos dentro dele diversos falares e diversas línguas.

Estima-se que mais de 250 línguas sejam faladas no Brasil entre indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural é desconhecido por grande

parte da população brasileira, que se acostumou a ver o Brasil como um país monolíngue. 4(IPHAN, 2014)

Para este estudo, de maneira específica, teremos como enfoque a conceitualização de línguas de imigração e a apresentação de aspectos relacionados a uma das línguas de imigração falada no Brasil, o Talian.

Sendo assim, iniciamos este tópico com o conceito de línguas de imigração conforme o que define o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como línguas:

alóctones trazidas ao Brasil por grupos de fala advindos principalmente da Europa, Oriente Médio e Ásia e que, inseridas em dinâmicas e experiências específicas dos grupos em território brasileiro, tornaram-se referência de identidade e memória. Exemplos: Talian, Pomerano, Hunsrückisch, entre outras. (IPHAN, 2016, p. 13).

Uma língua de imigração é, portanto, aquela que vigora em um grupo de indivíduos que imigra para outros territórios e que tem uma língua distinta daquela do país anfitrião (OLIVEIRA, 2003, p.7 apud PERTILE, 2009). Essa língua, segundo Pertile (2009), se tornará também uma língua minoritária caso o grupo de falantes da língua não consiga preservar e manter a língua, bem como, se não houver uma política que defenda a língua dos imigrantes.

Pertile (2009, p. 32-33) destaca ainda que:

Altenhofen e Margotti (no prelo, 2009, p. 1-2), em uma perspectiva político-linguística referem-se à língua de imigração em termos de status e corpus, [...] as línguas de imigração são comumente vistas como um corpo estranho e diferente, o qual contrasta com a língua oficial[...] algo que, numa perspectiva mono-

4 O fragmento utilizado na citação está disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/indl>.

linguística fortemente ideologizada, dela destoa”. Continuando, Altenhofen e Margotti a definem como línguas “1)originárias de fora do país (alóctones) que, no novo meio, 2) compartilham o status de língua minoritária,” seguindo Calvet (2007, p. 9). (PERTILE, 2009, p.32-33).

Além disso, entre as línguas que são tidas como de imigração, Altenhofen & Margotti (2011, p.290 apud ROSA, 2021) afirmam que não podem ser incluídas as línguas afro-brasileiras, pois estas são línguas de escravos que não vieram por vontade própria para o nosso país e nem as línguas de sinais, já que estas não resultam de movimentos migratórios. A Língua Portuguesa falada no Brasil, apesar de ser resultado da imigração portuguesa, também não deve ser considerada uma língua de imigração, pois é a língua predominante do país, teoricamente, a única língua de 99% dos brasileiros, portanto, não é considerada uma língua “de fora”. (ALTENHOFEN, 2013, p. 107 apud ROSA, 2021, p. 133).

Existem poucos dados precisos a respeito das línguas de imigração e ao número exato delas, o que existe apenas atualmente são estimativas. Em 1950, houve um recenseamento, o qual levantou os dados linguísticos da população brasileira, porém não consideraram de maneira específica as línguas de imigração. Neste recenseamento, avaliou-se apenas se o recenseado falava o português correntemente, ponderando também a língua falada dentro de casa. Em 2010, houve outro recenseamento que se limitou ao levantamento de dados linguísticos das línguas indígenas, considerando as línguas indígenas que eram faladas em casa e quais eram elas, aceitando até duas possibilidades. (ALTENHOFEN, 2013,apud ROSA, 2021).

No ano de 1968, Vandresen já havia observado que não existiam dados suficien-

tes sobre as línguas de imigração faladas no Brasil e que os dados existentes apresentavam um problema: a designação generalizante, ou seja, os dados que existiam eram a partir da consideração de todas as formas de expressão de descendentes de determinado país como uma língua só, não detalhando os diversos dialetos que existem dentro de uma mesma língua. (ROSA, 2021).

Embora os dados acerca das línguas de imigração não sejam tão numerosos, há uma lista em construção (ALTENHOFEN, 2013,apud ROSA, 2021) que serve de base para a descrição de quais são elas. Estas línguas foram divididas e classificadas em grupos, os quais são: grupo alemão, grupo italiano, grupo eslavo, grupo chinês, grupo japonês, grupo judeu, grupo cigano, grupos imigrantes fronteiriços, grupo imigrante crioulo e demais grupos. (ROSA, 2021).

Ao grupo alemão de acordo com Rosa (2021) fazem parte as línguas: Alemão, Hochdeutsch, Austríaco, Bávaro, Boêmio, Bucovino, Hunsrückisch (Hunsrick, Hunsbucklisch ou hunsriqueano), Kaffeeflickersch (PT. língua de catador de café), Plautdietsch menonita, Pomerano, Suábio, Suíço, Vestfaliano (Plattdütsch ou sapato-de-pau) e Wolgadeutsch (alemão do wolga, russo-alemão).

Ainda conforme o que Rosa (2021) propõe, ao grupo italiano pertencem as seguintes línguas: Bergamasco, Calabrês, Cimbrio, Cremonês, Friulano, Milanês, Veronês, Vicentino, Talian (Vêneto Rio-Grandense), Trentino e Trevisano. Já as línguas Polônês, Russo e Ucrâniano pertencem ao grupo eslavo e ao grupo chinês pertencem as línguas: Cantonês, Chinês-padrão (Putonghua), Keja (Hakka), Minnan (Taiwanês) e Wu (Xangainês).

Entre as línguas de imigração temos ainda as que pertencem ao grupo japonês, são elas: Japonês: kansai-bem (variedade da região ocidental do Japão), Japonês: kantô-bem (variedade da região oriental do Ja-

pão), Japonês: karonia-go (mescla linguística do português e japonês). Temos ainda o grupo Judeu, ao qual pertencem as línguas hebraico e lídiche e o grupo Cígano que fazem parte as línguas Roma e Sinti. (ROSA, 2021).

Para Rosa (2021) os grupos imigrantes fronteiriços são compostos pelas línguas: Al-mara, Espanhol, Guarani e Quechua. No grupo imigrante crioulo estão as línguas: Crioulo da Ilha Samaracá, Crioulo de Cabo Verde, Crioulo galibi marworno e Crioulo karipuna e nos demais grupos estão as línguas: Árabe, Armênio, Coreano, Francês, Grego, Holandês, Húngaro, Leto (ou Letão) e Sueco. (ROSA, 2021).

Acerca destas Línguas de Imigração em geral, trazidas por povos de outros países que se instalaram no Brasil, sabe-se que:

Sofreram forte repressão linguística e resistem, ainda hoje, a processos de deslocamento linguístico. Passaram a fazer parte do cenário linguístico do país a partir do final do século XIX com a vinda em massa de imigrantes europeus e asiáticos para ocupar terras ditas devolutas, oferecidas pelo Estado brasileiro. Com o passar das gerações, essas línguas adquiriram uma configuração própria que reflete a história da formação da sociedade brasileira. Muitas vezes tratadas como exóticas ou estrangeiras, as línguas de imigração são, na verdade, línguas maternas de milhões de brasileiros e a sua representatividade histórica, demográfica, sociocultural e geográfica é atestada em diversos levantamentos e estudos (RASO et al., 2011, p. 37, apud IPHAN, 2016, p. 31).

Ainda acerca das línguas de imigração no IPHAN (2016), temos a informação de que ainda que as pesquisas mais recentes apontem a presença de comunidades de fala de idiomas de imigração em toda a extensão do território brasileiro, são as regiões Sul e Sudeste do Brasil que abrigam o maior número de falantes dessas línguas. Entre as lín-

guas de imigração com características geodemográficas amplas no Brasil, destacam-se o Japonês, Talian, Pomerano, Hunsrückisch, Hochdeutsch, Coreano e Platt.

## Imigração Italiana

No Brasil, a abolição da escravidão, juntamente com a tentativa de “branquear o país”, motivou a procura por trabalhadores externos, por isso, foram trazidos para o território brasileiro diversos imigrantes, entre eles alemães, italianos, poloneses e espanhóis. Para essa pesquisa, teremos como enfoque principal a imigração italiana.

Se no território brasileiro o problema era, sobretudo, a escassez de mão de obra, na Europa, no final do século XIX, a Itália enfrentava uma grande crise econômica, a qual teve início na região norte do país, a partir da chegada e instalação de várias indústrias no local. Em decorrência do crescimento industrial, muitos artesãos, produtores e agricultores acabaram ficando sem trabalho e sem mercado para a venda de seus produtos, dificultando, assim, sua vida na região norte do país. Desse modo, por volta do ano de 1876, muitos italianos se deslocaram para a região sul da Itália, mas, logo, a industrialização também chegou nesta região, fazendo com que uma grande leva emigratória se dirigisse para outros países em busca de condições de vida que a sua pátria negava.

Os italianos, assim como os outros imigrantes que se estabeleceram no Brasil, deixaram seu país de origem notadamente por problemas econômicos e socioculturais. No caso específico da Itália, depois de mais de vinte anos de lutas em busca da unificação do país, o povo, principalmente o rural e mais pobre, teve dificuldades de sobreviver, seja nas pequenas propriedades que possuía ou nas cidades, para onde se deslocava a procura de trabalho. Na década de 1880, mais de 60% dos imigrantes que entraram em solo

brasileiro eram italianos e a imigração italiana esteve vinculada então, principalmente, ao “descarte do excedente populacional, expulso do processo produtivo, em função do desenvolvimento de relações capitalistas de produção, efetivado pelo recém instaurado Estado unitário”. (IOTTI, 2011, p. 01)

Diante das condições expostas, a imigração não era apenas algo estimulado pelo governo italiano, mas era a melhor tentativa de garantir a sobrevivência das famílias italianas que passavam por necessidades. Nesse contexto, é possível compreender a motivação para a saída de cerca de sete milhões de italianos no período compreendido entre os anos 1860 e 1920.

Ao chegarem ao Brasil, se instalaram principalmente nas regiões:

[...] Sul e Sudeste, além do sul da Bahia. Contudo, em vista das migrações interestaduais motivadas pela busca de terras em outras regiões após 1970, hoje há descendentes de italianos concentrados também em estados do Centro-Oeste (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Goiás) e do Norte (Acre e Pará). (BOLOGNINI; PAYER, 2005).

Os números de imigrantes italianos impressionam: entre os anos de 1874 e 1889 vieram para o Brasil, no total, 320.373 italianos. Os imigrantes eram selecionados por agentes a serviço das sociedades promotoras da imigração, os quais vendiam uma bela imagem do Brasil, como se o país fosse uma espécie de paraíso. Os italianos, a partir dessa “miragem”, acreditavam que viriam para o “país da fortuna”, o “Paese dela Cucagna”. Porém, para chegarem até o Brasil, os italianos atravessavam o Oceano Atlântico em uma longa viagem que durava em torno de 14 a 30 dias. Os navios geralmente eram superlotados acometidos por diversas epidemias, tanto que, ao chegarem ao país de destino, os imigrantes eram mantidos em quarente-

na nas hospedarias sustentadas pelo governo. Ao saírem da quarentena, os imigrantes tomavam duas direções distintas: os cafezais de São Paulo, para substituir a mão de obra escrava, ou as colônias do Rio Grande do Sul, com a esperança de encontrar a tão sonhada liberdade e independência.

Depois de 1980, com um contexto bem diferente da década de 30, os discursos acerca de especificidades culturais e regionais ganharam as mídias, impulsionando, de certa forma, o revigoramento de elementos relacionados à memória dos imigrantes.

Talian: Uma língua de imigração falada no Brasil

Ao adentrarem o território brasileiro, os imigrantes italianos trouxeram para cá sua cultura, seus costumes e seu modo de viver e, junto com ele trouxeram as variedades faladas em suas regiões de origem.

Segundo Loregian-Penkall e Dal Castel (2021) em 1875, os primeiros navios de imigrantes italianos saíram de várias regiões do norte da Itália com destino às terras brasileiras. Esses imigrantes falavam diversas variedades, as quais já dentro do navio entraram em contato, sendo justamente nesse contexto que se inicia um novo idioma, o qual mais tarde passou a ser chamado de Talian.

Ao chegarem nas terras brasileiras, os imigrantes italianos se dirigiram para as colônias do interior da região Sul, onde o contato linguístico entre os diversos falares se manteve, assim como com a língua portuguesa falada no Brasil. “Durante aproximadamente 70 anos, os imigrantes falaram naturalmente a sua língua materna, praticamente a única que conheciam e sabiam falar”. (LOREGIAN-PENKALL; DAL CASTEL, 2021, p. 168).

Porém, em 1941, no governo do presidente Getúlio Vargas, entrou em vigor um decreto nacionalista durante o Estado Novo, o qual proibiu os imigrantes de falarem a

língua do seu país de origem, quem assim o fizesse, era severamente punido, chegando a ser preso. O italiano e as variedades dessa língua, assim como as outras línguas estrangeiras foram, portanto, impedidas de serem utilizadas durante o Estado Novo (1937-1945) no contexto nacionalista. De maneira específica e incisiva, esse fato aconteceu através da Campanha de Nacionalização do Ensino que teve início em 1938, momento em que houve a implementação do português como língua nacional nas áreas de colonização estrangeira, reforçando ainda mais o projeto de Nacionalização imposto por Getúlio Vargas. Desse modo, essa situação contribuiu significativamente para o desuso das línguas maternas dos imigrantes “marcadamente no domínio público e institucional, sobretudo na imprensa escrita e na escola, mas também no espaço privado”. (BOLOGNINI; PAYER, 2005).

Contudo, a Campanha de Nacionalização do Ensino não conseguiu apagar totalmente as línguas estrangeiras junto a uma prática de linguagem eminentemente oral. Além disso, no Brasil as variedades do italiano misturaram-se ao português, de modo que em regiões de densa imigração a população fala o português com traços de italiano presentes na fonologia, no léxico, na morfossintaxe e na prática mesclada das línguas, com fragmentos de discursos, provérbios e expressões em italiano e em português. (BOLOGNINI; PAYER, 2005).

Percebe-se, então, que apesar de ter sido adotada uma política linguística rigorosa pelo governo, ela foi mais eficaz nos grandes centros urbanos, pois longe desses espaços, no caso de algumas línguas de imigração como o Talian, a língua foi sendo conservada e mantida, visto que: “nas colônias, pelo fato de a polícia não se fazer tão presente, o Talian se preservou intacto”. (LOREGIAN-PENKAL; DAL CASTEL, 2021, p.168).

Sobre esse aspecto Bolognini e Payer (2005) confirmam afirmando que a convivência dos grupos de imigrantes em comunidades e o isolamento que teve das colônias agrícolas em relação aos grandes centros foram essenciais para que em algumas regiões houvesse a manutenção da língua.

Os imigrantes italianos, dessa maneira, além de cultivarem sua língua materna, passaram a adotar também palavras do português que foram talianizadas e/ou passaram a utilizar palavras e expressões de empréstimo do português que não existiam na sua língua de origem, como chimarrão/simaron, por exemplo. (LOREGIAN-PENKAL; DAL CASTEL, 2021).

Logo que passou o período da proibição instaurada pelo decreto criado durante o Estado Novo, o idioma dos imigrantes italianos continuou sendo desvalorizado, visto que, muitas pessoas consideravam o Talian um falar de pessoas grossas e ignorantes, fazendo chacota e “tirando o sarro” dos falantes da língua. Desse modo, os imigrantes que se comunicavam com total domínio e expressavam seus sentimentos através dessa língua, começaram a sentir vergonha do seu próprio modo de falar, do seu idioma. “Não bastasse essa vergonha, outra surgiu quando o povo talian começou a falar em português, quando eram tomados em deboche pelo seu sotaque, indicador da identidade lingüística e cultural de origem.” (LOREGIAN-PENKAL; DAL CASTEL, 2021, p. 168).

Em 1924, ano que se comemorava o cinquentenário da imigração, surgiu a primeira manifestação literária em que o Talian passou a ser registrado de maneira escrita e depois desta, muitas outras obras literárias surgiram.

Nas décadas de 1970, 80 e 90, após a comemoração do centenário da imigração, filhos de colonos, levados ao meio urbano pelo êxodo rural, estudam e se formam médicos,

dentistas, professores, advogados, empresários, padres e delegados, perceberam a importância da sua língua materna e, dado o status que adquiriram, recuperaram a autoestima e se organizaram no sentido de promover a sua língua. Foi quando surge o movimento dos radialistas, que depois se amplia para os demais difusores do Talian que, através de programas, livros, teatro, música e festas típicas passaram a dar visibilidade à língua, culminando no reconhecimento como Língua de Referência Cultural Brasileira pelo IPHAN/Minc em 2014. Este período foi o mais profícuo em termos de criação literária, ações e eventos de salvaguarda. (LOREGIAN-PENKAL; DAL CASTEL, 2021, p. 169).

Os movimentos organizados em busca da salvaguarda do Talian sempre foram intensos, principalmente na região do Rio Grande do Sul, local que abriga um grande número de imigrantes e descendentes de imigrantes. Uma grande conquista da língua foi estar entre “as primeiras línguas reconhecidas como Referência Cultural Brasileira pelo IPHAN e pelo MinC, em 2014” [...] a primeira língua de imigração a receber tal reconhecimento, abrindo caminho às demais”. (MORAIS; LOREGIAN-PENKAL, 2022, p. 197).

O Talian é caracterizado, portanto, como:

uma língua brasileira, de imigração, minoritária, que se formou aqui e possui características próprias, diferentes do Vêneto falado na Itália. A Cucagna mantém intensa relação com o Talian, pois foi o termo simbólico utilizado para convencer pessoas (especialmente as do Norte da Itália) a emigrarem para o Brasil, onde encontrariam a sonhada Cucagna: espécie de terra prometida, cheia de farturas e de facilidades, ou seja, a terra do *Dolce far niente!* (LOREGIAN-PENKAL ;DAL CASTEL, 2021, p.169)

Para a preservação e salvaguarda do Talian, um patrimônio imaterial lingüístico, muitas ações têm sido realizadas recen-

temente, entre elas destacamos o projeto Cucagna: Scola de Talian que nas palavras de Loregian- Penkal e Dal Castel (2021) é:

uma importante ação de promoção e de salvaguarda da língua minoritária, pois irá oportunizar o ensino/aprendizado, tanto nos moldes presenciais, com mobilização e organização de comunidades de falantes em dez municípios da Serra Gaúcha, no RS, bem como de forma virtual, o que irá abranger de forma mais ampla ao público interessado no aprendizado dessa língua e cultura. (LOREGIAN-PENKAL; DAL CASTEL, 2021, p. 169).

Além disso, em 2020 um grupo de difusores e estudiosos desta língua minoritária iniciou a escrita da gramática, já que até então, não havia um livro com as regras gramaticais da escrita do Talian “que contemplasse todas as regras, com as suas especificidades de assuntos, e que também trouxesse vários exemplos para auxiliar ao professor e ao aluno no ensino/aprendizado da língua”. (LOREGIAN-PENKAL; DAL CASTEL, 2021).

Para eternizar e perpetuar ainda mais na memória dos imigrantes italianos e seus descendentes a língua Talian, principalmente em forma de registro, há também um dicionário Talian/ Português de autoria de Darcy Loss Luzzatto. Luzzatto é autor de mais de uma dezena de livros em Talian, tanto que é considerado o homem do Talian. “Aos 84 anos de idade é quem mais estudou e conhece a língua, que já é idioma co-oficial em vários municípios do país, colonizados por imigrantes italianos”. (DAL CASTEL, Juvenal apud GRAFF, 2020).

Estes são apenas alguns exemplos, entre outros que existem, de iniciativas de promoção, divulgação e preservação do Talian. Eles são muito importantes e necessários para que a importância dessa língua seja reconhecida cada vez mais não apenas no âmbito regional, mas também nacional, como vimos que aconteceu em 2014, com o

reconhecimento da língua como Referência Cultural Brasileira.

## Conclusão

Para promover as diversas línguas que existem no Brasil, se faz necessário que haja políticas específicas e atentas para a diversidade linguística existente em nosso país, bem como iniciativas concretas e eficazes dos grupos pertencentes às línguas minoritárias em busca da valorização desses patrimônios imateriais. Nota-se que de modo exclusivo, em se tratando do Talian, uma língua de imigração falada no Brasil, nos últimos anos foram observadas várias iniciativas para promovê-la e a mesma tem sido amplamente difundida nas comunidades tradicionais dos detentores da língua e através dos meios de comunicação.

As políticas linguísticas que envolvem essa língua possuem como objetivo a preservação da cultura e da identidade através da promoção da língua e de seus falantes. Para que isso se tornasse possível e sustentado, foi necessário travar duras batalhas até que se chegasse na produção de conhecimento, valorização e promoção da língua que conhecemos e vivenciamos atualmente.

Porém, embora existam muitas iniciativas que promovam o Talian, é fundamental que as ações concretas que visam à promoção do respeito linguístico e reconhecimento dessa língua sejam cada vez mais intensificados, visto que é necessário que ela seja cada vez mais reconhecida, tal como ela é, uma língua estruturada. Por isso, grande é a importância deste trabalho, já que é um meio de valorizar ainda mais as atitudes linguísticas dos detentores do Talian, compreendendo, nesse sentido, toda a importância identitária e cultural dessa língua.

## Referências Bibliográficas:

BOLOGNINI, Carmen Zink; PAYER, Maria Onice. Línguas de Imigrantes. *Cienc. Cult.* vol.57 no.2 São Paulo Apr./June 2005.

Decreto- Lei nº 406, de 4 de maio de 1938- Publicação Original. Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 28 mar. 2023.

EDWARD, Luana. Língua ou Dialeto? Considerações sobre o estatuto da Língua de Imigração Alemã na Ciência Brasileira. *Linguagens -Revista de Letras, Artes e Comunicação* –ISSN 1981-9943 Blumenau, v. 13, n. 2, p. 269-288, maio/ago. 2019.

GRAFF, Deolí. Dicionário de Luzzatto perpetua língua Talian, 2020. Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2020/02/25/dicionario-de-luzzatto-perpetua-lingua-talian/>. Acesso em 01 abr. 2023.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (Brasil) Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Brasília-DF, 2016.

Inventário Nacional de Diversidade Linguística. IPHAN, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/indl> Acesso em 24 mar. 2023.

IOTTI, Luiza Horn. Os estados brasileiro e italiano e a imigração italiana no RS. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH* • São Paulo, julho 2011.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi; DAL CASTEL, Juvenal Jorge; Cucagna: Scola de Talian. In: BELONI, Wânia Cristiane; RIBEIRO, Simone Beatriz Cordeiro (orgs) *Pesquisas em Políticas Linguísticas e Ensino de Línguas.*São Carlos:

Pedro & João Editores, 2021, p.167-178.

MARTINY, Franciele Maria. Atitudes linguísticas em torno da língua de imigração e a sua (não) transmissão. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p.297-313, ago./dez. 2017.

MORAIS, Mauri, LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Crenças e atitudes em relação ao Talian. In: TEIXEIRA, Maria Claudia; VENTURINI, Maria Cleci. *Anais XI Seminário de dissertações em andamento – SEDAN I Seminário de teses em andamento –SETAN IV fórum de autoavaliação do PPGL e III encontro de egressos do programa.Guarapuava – PR,2022.* p. 197-202.

PERTILE, Marley Terezinha. O Talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição lingüística no alto Uruguai gaúcho. Porto Alegre, 2009.

ROCHA, Simone. O poder da linguagem na Era Vargas: O abrasileiramento do imigrante. *Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul.* Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL\\_VI/Individuais/O%20PODER%20DA%20LINGUAGEM%20NA%20ERA%20VARGAS%20O%20ABRASILEIRAMENTO%20DO%20IMIGRANTE.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Individuais/O%20PODER%20DA%20LINGUAGEM%20NA%20ERA%20VARGAS%20O%20ABRASILEIRAMENTO%20DO%20IMIGRANTE.pdf) Acesso em 16 mar. 2023.

ROSA, Maria Carlota. As línguas brasileiras de imigração. UFRJ,2021. Disponível em:<https://linguisticaufrjcarlotablog.files.wordpress.com/2021/08/as-linguas-de-imigracao-v2.pdf>. Acesso em 18 mar. 2023.

SCHNEIDERS, Michele;BUSSE, Sanimar; SALVANI, Rafaella.Contato lingüístico no Brasil: O que as pesquisas nos mostram? *Web-Revista SOCIODIALETO –NUPESD / LALIMU*, v. 11, nº 32, nov 2020.

STURZ, Eliana Rosa; FIEPKE, Rejane Beatriz. A política linguística da Era Vargas e seus efeitos na vida de descendentes de imigrantes alemães de Novo Machado-RS.*Revista Trimestral de Letras da Universidade do Estado do Pará* Jan-Mar. 2017. ISSN Eletrônico:

2318-9746

Submissão: abril de 2023.

Aceitos: maio de 2023.